PFL faz pacto para enfrentar PSDB e PMDB

Ricardo Amaral
De Brasília

Uma semana depois de trocarem críticas e chegarem ao rompimento pessoal, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente do partido, senador Jorge Bornhausen (SC), anunciaram ontem um acordo de convivência para enfrentarem, juntos, as lideranças do PSDB e do PMDB. O acordo foi possível depois que Antonio Carlos teve uma longa conversa com o vice-presidente Marco Maciel, o único líder do PFL com quem não havia trocado farpas nas últimas semanas.

Maciel recebeu o senador anteontem e o advertiu para o risco de o PFL perder ainda mais espaço para os outros partidos na aliança que apóia o governo. Estavam em jogo, então, os ministérios de Minas e Energia e da Previdência, retirados da cota de Antonio Carlos. Maciel fez ver ao senador que não havia alternativa para ele, se não o

isolamento, com prejuízo para todos, caso não chegassem a um entendimento dentro do partido.

A conversa mudou o roteiro da reunião da executiva nacional do PFL realizada ontem de manhã. Falaram apenas Jorge Bornhausen e Antonio Carlos. O presidente lembrou a presença de Antonio Carlos em diversos momentos importantes do partido, atribuiu a ele o viés social adotado pelo governo nos últimos meses e, por fim, pediu desculpas "por qualquer equívoco cometido" na direção do PFL.

Em seguida falou o senador da Bahia, deixando implícitas as razões do acordo. "Os que ficaram contra FHC em 1994 e o ignoraram em 1998 estão querendo avançar sobre nós", disse, numa referência ao PMDB. Em referência ao PSDB, sem citar o partido, disse que "dinheiro público está sendo usado para minar nossas bases". Finalmente, elogiou a "humildade" de Bornhausen para também apresentar suas desculpas por even-

tuais excessos cometidos.

A executiva aclamou o plano de ação do governo para os próximos dois anos, mas ressaltou que o PFL, mesmo apoiando o Palácio, "respeitará a independência" de Antonio Carlos. Este também aprovou o programa em sua fala, mas começou a exercitar ali mesmo sua independência. "O que for ruim para o país eu vou criticar", disse o senador.

ACM terá a cobertura do PFL para continuar desestabilizando o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha (PMDB), a quem acusa de corrupção. "Renovamos nosso permanente compromisso a ética na política e a moralidade na administração pública", diz a nota oficial da executiva distribuída ontem.

O PFL não perderá nada com isso, desde que continue votando com o governo. O presidente Fernando Henrique recebeu Bornhausen após a reunião e deu-lhe a garantia de indicação para

os dois ministérios vagos. Sobre a independência de Antonio Carlos, ficou implícito que este é um assunto sob administração do partido. Pessoalmente, FH não vê mais como se recompor, como ficou claro em seguida, quando, em entrevista, comparou Antonio Carlos ao senador Roberto Requião (PMDB-PR); "Um trombone isolado na orquestra".

O acordo político dentro do PFL, que evita o isolamento político do senador, foi um prejuízo principalmente para o PMDB. O partido vem trabalhando, junto com o PSDB, pela cassação do mandato de Antonio Carlos, mas não obteve ontem a prova que desejava para acusá-lo de quebra de decoro parlamentar. A fita em que ele conta conhecer um voto secreto da senadora Heloísa Helena, embora autêntica, não é conclusiva. As investigações em torno do caso Banpará desgastam cada vez mais o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA).